



Análise econômico-financeira do Balanço Patrimonial e da Demonstração de Resultado do Exercício do Grupo Marfrig S.A

Vanessa Rubini
Faculdade De Itapiranga (SEI/FAI)
vane.rubi@hotmail.com

Odir Luiz Fank
Faculdade De Itapiranga (SEI/FAI)
odirfank@hotmail.com

Mara Vogt
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)
maravogtcco@gmail.com

Larissa Degenhart
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)
lari_ipo@hotmail.com

RESUMO

A análise das demonstrações contábeis constitui importante ferramenta para a tomada de decisões pelos diversos usuários da contabilidade. Diante disso, o estudo tem como objetivo geral, realizar uma análise econômico-financeira do Balanço Patrimonial (BP) e Demonstração de Resultado do Exercício (DRE) do Grupo Marfrig S.A. Além disso, objetivou comparar os índices de liquidez e endividamento dos períodos de 2009 e 2010. Aplicou-se uma pesquisa descritiva com abordagem exploratória, quantitativa e documental. A amostra da pesquisa compreende o Grupo Marfrig S.A, empresa do ramo alimentício e proteína animal. A partir da análise do BP e do DRE, foi possível calcular os indicadores de liquidez, endividamento e realizar uma análise vertical e horizontal. Os resultados do estudo evidenciaram que houve uma grande variação nos demonstrativos de um período para outro, devido à aquisição de novas empresas em 2010, aumentando consideravelmente os ativos e as obrigações da Companhia, alavancando as despesas financeiras, evidenciando uma queda expressiva nos resultados. A liquidez corrente, seca e geral revelou-se positiva, apesar de apresentarem uma queda no ano de 2010. Em contrapartida, os quocientes de endividamento aumentaram, demonstrando que o capital de terceiros predomina sobre o capital próprio e recursos totais da Companhia.

Palavras-chave: Análise econômico-financeira, Demonstrações contábeis, Análise vertical e horizontal, Índices de liquidez, Quocientes de endividamento.

1 INTRODUÇÃO

Através das demonstrações contábeis evidenciadas por uma empresa, podem ser extraídas diversas informações a respeito de sua posição econômico-financeira. Essas informações podem ser utilizadas para levantar dados e identificar se é viável investir em ações de uma Companhia e para verificar a capacidade de pagamento, ou seja, a liquidez ou rentabilidade das atividades operacionais para os administradores.



De acordo com Iudícibus (2008), a análise de balanços representa um painel de controle para a administração, além de permitir demonstrar a liquidez e endividamento da empresa através de indicadores específicos, aponta as variações entre um exercício e outro e, ainda, demonstra o percentual que cada conta ou grupo de contas representa sobre o total da demonstração.

Assim, a análise de balanços estende-se não apenas ao Balanço Patrimonial, como também para a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE). Dessa forma, neste trabalho serão analisados ambos os demonstrativos do Grupo Marfrig S.A., dos períodos de 2009 e 2010, com base nas informações divulgadas pela Companhia.

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo geral realizar análise econômico-financeira do Balanço Patrimonial (BP) e Demonstração de Resultado do Exercício (DRE) do Grupo Marfrig, além de comparar os índices de liquidez e endividamento, dos períodos de 2009 e 2010. Como objetivos específicos o estudo visa: a) evidenciar a análise de balanços, bem como, realizar análise vertical e horizontal do BP e DRE dos períodos de 2009 e 2010; b) calcular e analisar os indicadores de liquidez imediata, corrente, seca e geral; e c) calcular e analisar os quocientes de endividamento da Companhia.

A análise das demonstrações contábeis de uma empresa, seja ela de pequeno ou grande porte, é uma das ferramentas mais importantes para o processo de tomada de decisões nas organizações e quando for corretamente interpretada, transforma-se em informações indispensáveis aos usuários da informação contábil. A contabilidade é de extrema importância nesse contexto, pois disponibiliza os instrumentos para análise dos resultados das empresas.

2 ANÁLISE DE DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As demonstrações contábeis são um agregado de informações que devem ser divulgadas pelas empresas que possuem capital aberto e por empresas de grande porte, como uma espécie de retorno para seus usuários externos, principalmente aos acionistas (BATISTA, 2010).

Conforme Silva Filho (2009), como exemplos de demonstrações temos o Balanço Patrimonial (BP), Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido (DMPL), Demonstração dos Lucros ou prejuízos Acumulados (DLPA), Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC), Notas Explicativas e Parecer de Auditores Independentes.

O Balanço Patrimonial é uma apresentação da posição financeira e patrimonial de uma empresa em dado período que fornece informações dos bens, direitos e obrigações da organização por meio de contas contábeis (IUDÍCIBUS, 2008). Segundo o autor, é composto por três elementos básicos: Ativo (aplicações de recursos), Passivo (exigibilidades) e Patrimônio Líquido (recursos próprios da empresa), de forma que, a soma das contas do Ativo deve ser igual ao resultado da soma das contas do Passivo mais o Patrimônio Líquido.

A Demonstração do Resultado do Exercício é um resumo ordenado das receitas e despesas da empresa, ocorridas no exercício de um ano. A DRE apresenta-se de forma verticalmente dedutiva, no qual, das receitas subtraem-se as despesas e o resultado será ou lucro ou prejuízo (IUDÍCIBUS, 2008).

De acordo com Assaf Neto (2002), no intuito de extrair indicadores e medir o grau de desempenho de cada negócio, a análise de demonstrativos contábeis, auxilia na mensuração, tomada de decisões e conclusões sobre a situação financeira e econômica da empresa, na apuração dos resultados de cada período.

2.1 INSTRUMENTOS PARA ANÁLISE DE BALANÇO: ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL



A análise de balanços representa um painel de controle para a administração e aponta as variações entre um exercício e outro. Ainda, demonstra o percentual que cada conta ou grupo de contas representa sobre o total.

Nesse contexto a análise horizontal faz a comparação entre valores de um exercício e outro. De acordo com Assaf Neto (2002, p. 100), “é basicamente um processo de análise temporal, desenvolvido por meio de índices, sendo seus cálculos processados de acordo com a seguinte expressão: $(Vd/Vb) \times 100$ ”. Nessa expressão, o Vd representa o exercício atual, Vb o exercício anterior e multiplica-se por 100 para evidenciar a variação em pontos percentuais.

Conforme Matarazzo (2008), a análise horizontal baseia-se na evolução de cada conta, numa série de demonstrações financeiras em relação à demonstração anterior ou, relação a uma demonstração financeira básica, geralmente a mais antiga da série. Dessa forma a evolução de cada conta mostra os caminhos trilhados pela empresa e as possíveis tendências.

De acordo com Assaf Neto (2002), a análise vertical é um processo comparativo, expresso em porcentagem e que se aplica para relacionar uma conta ou um grupo de contas com um valor identificado no mesmo demonstrativo. Portanto, este tipo de análise é importante para avaliar a estrutura de composição de itens e sua evolução em determinado período de tempo.

Para Matarazzo (2008), a análise vertical atinge seu ponto máximo de utilidade quando aplicada à DRE. Já que toda atividade de uma empresa gira em torno das vendas, são elas que podem definir o que a empresa pode consumir em cada item de despesa. Portanto, na análise vertical da DRE, as vendas são igualadas a 100 e todos os demais itens possuem seu percentual calculado em relação às suas vendas.

2.2 CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO

Um estudo importante para análise de balanço são as relações existentes entre os resultados contábeis de uma empresa e as variações verificadas em seu volume de capital circulante. O conceito de capital circulante líquido apresenta-se mais claramente identificado como o excedente das aplicações a curto prazo em relação às captações de recursos (ASSAF NETO, 2009).

Segundo Matarazzo (2008) o capital circulante líquido é considerado a folga financeira da empresa. De acordo com essa conceituação, o Capital Circulante Líquido (CCL) é definido através da seguinte expressão:

$$\text{CCL} = \text{Ativo Circulante} - \text{Passivo Circulante}$$

O ativo circulante, também denominado Capital de Giro ou Capital Circulante, constitui-se no grupo de maior liquidez que se apresenta no ativo da empresa (ASSAF NETO, 2002). O autor complementa que, no que se refere aos recursos captados pela empresa e identificados no passivo, observa-se que os mesmos apresentam duas origens: próprias e de terceiros. Dessa forma a empresa pode financiar suas necessidades de giro com recursos originados pelos proprietários, ou também com fundos levantados junto a outras origens que não sejam próprias, ou seja, de terceiros.

2.3 ANÁLISE DA LIQUIDEZ E DO ENDIVIDAMENTO

Um dos pontos principais da análise de balanços, pode ser encontrado no cálculo e avaliação dos quocientes. Conforme Iudícibus (2008, p. 98),

o uso dos quocientes tem como finalidade principal permitir ao analista extrair tendências e comparar os quocientes com padrões preestabelecidos. A finalidade da



análise é, mais do que retratar o que aconteceu no passado, fornecer algumas bases para inferir o que poderá acontecer no futuro.

A análise da liquidez e do endividamento engloba os relacionamentos entre as contas do balanço que refletem uma situação estática de posição de liquidez ou o relacionamento entre fontes diferenciadas de capital.

Para Assaf Neto (2002), o estudo da liquidez visa conhecer a capacidade de pagamento da empresa de cobrir todos seus compromissos passivos assumidos, dentro do prazo. Já a análise do endividamento avalia a proporção de recursos próprios e de terceiros mantidos pela empresa, bem como, seu risco financeiro.

2.3.1 Principais Quocientes de Liquidez

Os indicadores de liquidez evidenciam a situação financeira da empresa frente a seus diversos compromissos financeiros. Entre os principais quocientes de liquidez, destacam-se o quociente de liquidez imediata, o quociente de liquidez seca, o quociente de liquidez corrente e o quociente de liquidez geral.

2.3.1.1 Quociente de Liquidez Imediata

O quociente de liquidez imediata representa o valor de quanto a empresa dispõe imediatamente para saldar suas dívidas de curto prazo (IUDÍCIBUS, 2008).

Para Silva (2003), a liquidez imediata das empresas varia de acordo com a situação do mercado financeiro e com a variação da economia no país, pois, o grupo dos disponíveis é o que está mais sujeito à alterações, devido sua condição de reunir contas de movimentação imediata.

Representa as disponibilidades divididas pelo Passivo circulante. De acordo com Assaf Neto (2002), este índice quando for maior que 1,0 apresenta-se como favorável, mantendo a instituição de recursos disponíveis para cobrir integralmente os depósitos a vista.

$$\text{Liquidez imediata} = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Assim, a liquidez imediata revela a porcentagem das dívidas a curto prazo em condições de serem liquidadas imediatamente.

2.3.1.2 Quociente de Liquidez Seca

Para Assaf Neto (2002, p. 172), “o quociente de liquidez seca demonstra a porcentagem das dívidas a curto prazo, em condições de serem saldadas mediante a utilização de itens monetários de maior liquidez do ativo circulante”. É expressa da seguinte maneira:

$$\text{Liquidez seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques} - \text{Despesas antecipadas}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Esta expressão revela a capacidade de pagamento da empresa mediante utilização de recursos originados do disponível e valores a receber. Porém, para Iudícibus (2008) pode-se traduzir num quociente bastante conservador, visto a alta rotatividade dos estoques, ou seja, a liquidez seca apresenta uma posição bem conservadora da liquidez da empresa em determinado momento, sendo preferido pelos financiadores de capital.

O autor complementa que neste quociente, é necessário dar atenção aos prazos de vencimento das contas a receber e das contas a pagar, uma vez que os recebíveis têm um risco



associado à ocorrência de inadimplência e os estoques apresentam o risco da incerteza de venda.

2.3.1.3 Quociente de Liquidez Corrente

O quociente de liquidez corrente demonstra o quanto existe de ativo circulante, para cada real de dívida a curto prazo. A liquidez corrente é apresentada pela seguinte expressão:

$$\text{Liquidez corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Segundo Assaf Neto (2002), quanto maior a liquidez corrente, mais alta se apresenta a capacidade da empresa em financiar suas necessidades de capital de giro. Este quociente é avaliado de acordo com o índice obtido: se maior que 1,0 denota-se Capital Circulante positivo; se igual a 1,0 Capital Circulante nulo; e se menor que 1,0 é considerado Capital Circulante negativo.

2.3.1.4 Quociente de Liquidez Geral

Este indicador revela a liquidez, tanto a curto, como a longo prazo. Para Assaf Neto (2002, p. 173), “a liquidez geral é utilizada como uma medida de segurança financeira da empresa a longo prazo, revelando sua capacidade de saldar todos seus compromissos”.

Apresenta-se da seguinte maneira:

$$\text{Liquidez geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Ativo Não Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}}$$

Esta expressão revela a capacidade de pagamento da empresa mediante utilização de recursos originados do disponível e valores a receber a longo prazo. Assim, é necessário dar ênfase ao prazo deste indicador, pois, muitas vezes os indicadores de liquidez corrente e seca, apresentam-se como razoáveis devido a empréstimos a longo prazo, que os mesmos não demonstram, ou seja, não caracterizam que a empresa esteja com saúde financeira necessariamente (IUDÍCIBUS, 2008).

2.3.1 Principais Quocientes de Endividamento

Estes quocientes analisam as fontes de recursos, procurando comparar a posição do capital próprio em relação ao capital de terceiros.

2.3.1.1 Quociente de Participação de Capitais de Terceiros sobre os Recursos Totais

Segundo Iudícibus (2008), este quociente relaciona o passivo não circulante com os fundos totais providos, ou seja, o capital de terceiros pelos capitais próprios e de terceiros. Apresenta-se pela fórmula a seguir:

$$\text{Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais} = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Exigível Total} + \text{Patrimônio Líquido}}$$

Conforme o autor, o capital de terceiros sobre os recursos totais, expressa a porcentagem que o endividamento representa sobre os fundos totais, ou seja, a proporção do ativo total que é financiada com recursos de terceiros.

2.3.1.2 Quociente de Capitais de Terceiros sobre Capitais Próprios

É outra forma de retratar o posicionamento da empresa com relação aos capitais de terceiros. É representado pela fórmula:

$$\text{Capitais de Terceiros sobre Capitais Próprios} = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Capitais Próprios}}$$



Conforme Assaf Neto (2009), este índice mostra o quanto a empresa tomou de empréstimo para cada real de capital próprio. Deve apresentar-se menor que 1,0 pois, quando maior, caracteriza-se como uma dependência exagerada sobre os recursos de terceiros.

2.3.1.3 Quociente das Dívidas de Curto Prazo sobre o Endividamento Total

Para Iudícibus (2008, p. 104), o quociente das dívidas de curto prazo sobre o endividamento total, “representa a composição do endividamento total ou qual a parcela que se vence no curto prazo, no endividamento total”. É representado pela fórmula:

$$\text{Participação das Dívidas de CP sobre o Endividamento Total} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Exigível Total}}$$

Portanto, é recomendável que as empresas em forte expansão façam financiamentos a longo prazo, para que as mesmas tenham condições de amortizar suas dívidas, a medida que aumentem sua capacidade operacional, com o retorno dos recursos investidos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos procedimentos, a pesquisa classifica-se como documental, por embasar-se em bibliografias e documentos publicados e por aplicar índices e cálculos sobre os demonstrativos divulgados pela Companhia. Assim, utilizou-se dados secundários, que se complementaram com dados primários levantados no estudo.

Quanto ao tratamento dos dados classifica-se como uma pesquisa quantitativa, ou seja, o estudo demandou o uso de recursos estatísticos. Chizotti (apud RAMPAZZO; CORRÊA, 2008), menciona que as pesquisas quantitativas prevêm a mensuração de variáveis preestabelecidas, procurando verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis, mediante a análise da frequência de incidências e de correlações estatísticas.

Quanto aos objetivos a pesquisa é descritiva, pois busca a identificação e compilar as referências bibliográficas associadas à análise econômico-financeira, a partir de uma abordagem exploratória. Segundo Vergara (2003), a investigação exploratória é realizada em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado e que, por sua forma de sondagem, muitas vezes não comporta hipóteses que poderão surgir durante ou ao final da pesquisa.

A população do respectivo estudo compreende todas as empresas com ação na Bolsa de Valores de São Paulo BM&FBOVESPA. A amostra que compõe esta pesquisa é o Grupo Marfrig S.A., empresa do ramo alimentício e proteína animal.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção apresenta os cálculos efetuados sobre os demonstrativos em estudo, que são: análise horizontal e vertical do Balanço Patrimonial e DRE, índices de liquidez geral, corrente, seca e imediata e quocientes de endividamento. Todos os cálculos referem-se aos períodos de 2009 e 2010 e foram extraídos dos relatórios divulgados pela Companhia Grupo Marfrig S.A.

4.1 ANÁLISE HORIZONTAL DO BALANÇO PATRIMONIAL E DRE

No Quadro 1 apresenta-se a análise horizontal do Balanço Patrimonial, elencando as principais variações das contas de 2010 em relação a 2009.

Quadro 1 - Análise Horizontal do Balanço Patrimonial - Grupo Marfrig S.A.

| BALANÇO PATRIMONIAL (R\$ Mil) | | | | |
|-------------------------------|------------|------------|---------|--|
| DESCRIÇÃO CONTA | 31/12/2010 | 31/12/2009 | VAR.(%) | |
| 1 Ativo Total | 22.599.586 | 12.254.587 | 84,4 | |



| | | | | |
|------------|--|-------------------|-------------------|--------------|
| 1.1 | Ativo Circulante | 9.400.239 | 5.822.389 | 61,4 |
| 1.1.1 | Caixa e Equivalentes de Caixa | 682.364 | 617.046 | 10,6 |
| 1.1.2 | Aplicações Financeiras | 3.193.992 | 2.416.392 | 32,2 |
| 1.1.3 | Contas a Receber | 1.361.945 | 797.329 | 70,8 |
| 1.1.4 | Estoques | 2.249.314 | 1.148.298 | 95,9 |
| 1.1.5 | Ativos Biológicos | 693.040 | 205.496 | 237,2 |
| 1.1.6 | Tributos a Recuperar | 868.638 | 526.998 | 64,8 |
| 1.1.7 | Outros Ativos Circulantes | 350.946 | 110.830 | 216,6 |
| 1.2 | Ativo Não Circulante | 13.199.347 | 6.432.198 | 105,2 |
| 1.2.1 | Ativo Realizável a Longo Prazo | 2.039.469 | 706.021 | 188,9 |
| 1.2.2 | Investimentos | 10.040 | 742 | 1.253,1 |
| 1.2.3 | Imobilizado | 6.963.142 | 3.791.814 | 83,6 |
| 1.2.4 | Intangível | 4.186.696 | 1.933.621 | 116,5 |
| 2 | Passivo Total | 22.599.586 | 12.254.587 | 84,4 |
| 2.1 | Passivo Circulante | 6.948.560 | 3.183.422 | 118,3 |
| 2.1.1 | Obrigações Sociais e Trabalhistas | 537.080 | 231.531 | 132 |
| 2.1.2 | Fornecedores | 2.310.763 | 935.407 | 147,0 |
| 2.1.3 | Obrigações Fiscais | 171.627 | 139.374 | 23,1 |
| 2.1.4 | Empréstimos e Financiamentos | 3.073.579 | 1.492.810 | 105,9 |
| 2.1.5 | Outras Obrigações | 855.511 | 384.300 | 122,6 |
| 2.2 | Passivo Não Circulante | 9.154.613 | 5.285.261 | 73,2 |
| 2.2.1 | Empréstimos e Financiamentos | 6.605.437 | 3.776.928 | 74,9 |
| 2.2.2 | Outras Obrigações | 862.054 | 748.823 | 15,1 |
| 2.2.3 | Tributos Diferidos | 1.463.436 | 720.681 | 103,1 |
| 2.2.4 | Provisões | 223.686 | 38.829 | 476,1 |
| 2.3 | Patrimônio Líquido Consolidado | 6.496.413 | 3.785.904 | 71,6 |
| 2.3.1 | Capital Social Realizado | 3.986.518 | 3.989.875 | (0,1) |
| 2.3.2 | Reservas de Capital | 2.461.102 | (14.148) | 17.495,4 |
| 2.3.3 | Reservas de Lucros | 44.476 | 31.171 | 42,7 |
| 2.3.4 | Lucros/Prejuízos Acumulados | (899.417) | (1.013.994) | (11,3) |
| 2.3.5 | Ajustes de Avaliação Patrimonial | 419.670 | 504.888 | (16,9) |
| 2.3.6 | Ajustes Acumulados de Conversão | 340.939 | 268.254 | 27,1 |
| 2.3.7 | Partic. dos Acionistas Não Controladores | 143.125 | 13.858 | 932,8 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se a partir do Quadro 1 que a Companhia recebeu muitos recursos financeiros, pois, todas as contas do ativo aumentaram consideravelmente em 2010, e o ativo total apresenta variação de 84,4% em relação a 2009.

Ressalta-se que, conforme divulgado no relatório da diretoria, em 2010 houve vários destaques que contribuíram para este aumento, como a aquisição de novas empresas (Keystone e Seara) e também o fortalecimento da marca Seara tanto no Brasil quanto no exterior. Esta última foi impulsionada pelo lançamento de vários produtos novos e, principalmente, pelo investimento em *marketing*, como o patrocínio da Copa do Mundo.

O ativo circulante apresentou um acréscimo de 61% em relação ao exercício anterior. Neste grupo as contas Ativos Biológicos e Outros Ativos Circulantes merecem destaque, correspondendo a um aumento de 237,2% e 216,6%, respectivamente. Os ativos biológicos compreendem a classificação dos bovinos, aves e suínos vivos, conforme exposto nas notas explicativas da Companhia.

Quanto ao ativo não circulante, percebe-se o grau de investimentos que a empresa realizou em 2010. Quando em 2009 observava-se R\$ 742.000,00 de investimentos, o exercício seguinte fechou com R\$10.040.000,00. Tal qual o subgrupo do Imobilizado que



praticamente dobrou, de R\$ 3.797.814,00 para R\$ 6.963.142, correspondendo proporcionalmente a 84%.

Em relação as contas do passivo, o passivo circulante também sofreu grandes variações, correspondendo a 118,3% de aumento. Tanto as obrigações sociais e trabalhistas, quanto as demais contas a pagar deste subgrupo, praticamente dobraram de 2009 para 2010, o que se justifica pelos investimentos e a compra das novas empresas em 2010.

O passivo não circulante também se manteve elevado no ano subsequente, representando 73,2% de aumento. Quanto ao patrimônio líquido a variação de 71,6% se caracteriza pela conta de Reservas de Capital, que em 2009 estava R\$ 14.148.000 negativa e em 2010 deu um salto para R\$ 2.461.102,00 positivos. Os prejuízos acumulados diminuíram em torno de 12% e os ajustes de avaliação patrimonial em torno de 17%.

De acordo com o Quadro 2 apresenta-se a análise horizontal da DRE.

Quadro 2 - Análise horizontal da DRE – Grupo Marfrig S.A.

| DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO (R\$ Mil) | | | | |
|---|--------------|-------------|----------|--|
| DESCRIÇÃO CONTA | 2010 | 2009 | VAR (%) | |
| 3.1 Receita de Venda de Bens e/ou Serviços | 15.878.469 | 9.623.621 | 65,0% | |
| 3.2 Custo dos Bens e/ou Serviços Vendidos | (13.277.024) | (8.369.433) | 58,6% | |
| 3.3 Resultado Bruto | 2.601.445 | 1.254.188 | 107,4% | |
| 3.4 Despesas/Receitas Operacionais | (1.719.701) | (858.149) | 100,4% | |
| 3.4.1 Despesas com Vendas | (1.407.500) | (641.540) | 119,4% | |
| 3.4.2 Despesas Gerais e Administrativas | (562.688) | (289.661) | 94,3% | |
| 3.4.3 Outras Receitas Operacionais | 244.485 | 81.033 | 201,7% | |
| 3.4.4 Outras Despesas Operacionais | 6.002 | (7.981) | 175,2% | |
| 3.5 Resultado Antes do Result. Financ. e Tributos | 881.744 | 396.039 | 122,6% | |
| 3.6 Resultado Financeiro | (1.147.242) | 145.092 | -890,7% | |
| 3.6.1 Receitas Financeiras | 536.299 | 905.356 | -40,8% | |
| 3.6.3 Despesas Financeiras | (1.683.541) | (760.264) | -121,4% | |
| 3.7 Resultado Antes dos Tributos s/ o Lucro | (265.498) | 541.131 | -149,1% | |
| 3.8 IR e Contribuição Social sobre o Lucro | 411.592 | (6.696) | 6046,8% | |
| 3.8.1 Corrente | (23.013) | (2.810) | -719,0% | |
| 3.8.2 Diferido | 434.605 | (3.886) | 11283,9% | |
| 3.9 Lucro Líquido Consolidado do Período | 146.094 | 534.435 | -72,7% | |
| 3.10 Outros Resultados Abrangentes | (12.533) | (266.097) | -95,3% | |
| 3.10.1 Variação cambial sobre os investimentos | (85.218) | (500.977) | -83,0% | |
| 3.10.2 Variação cambial - conversão de balanço | 72.685 | 234.880 | -69,1% | |
| 3.11 Resultado Abrangente Consolidado do Período | 133.561 | 268.338 | -50,2% | |

Fonte: Dados da pesquisa.

Em 2010, a Receita Líquida Consolidada do Grupo Marfrig S.A. atingiu R\$ 15.878,5 milhões, aumentando 65,0% se comparada aos R\$ 9.623,6 milhões em 2009. De acordo com a divulgação no relatório da administração da Companhia, contribuíram para o incremento na receita em 2010: aumento da utilização de capacidade de Bovinos e o bom desempenho do “Food Service; consolidação integral das operações SEARA no grupo no ano; entrada no 4º trimestre de 2010 das operações da Keystone Foods e entrada de O’Kane Poultry da Divisão Europa; e aumento das vendas na Divisão Europa com bom desempenho no ano de 2010.

Além disso, no relatório da administração consta ainda que em 2010 a participação das vendas nos mercados internos onde a Marfrig S.A. tem operações representou 59,8% da receita consolidada, comparada a 61,8% em 2009, indicando que as condições mantiveram-se favoráveis no mercado interno. A participação das exportações aumentou para 40,2%, contra



8,2% em 2009, consequência do retorno gradual das exportações a partir do segundo semestre de 2010.

O Custo dos Produtos Vendidos (CPV) cresceu 58,6%, passando de R\$ 8.369,4 milhões em 2009 para R\$ 13.277,0 milhões em 2010, explicado pelo aumento dos preços das matérias-primas (gado e grãos) ocorridas durante o ano de 2010, conforme divulgação da Companhia. Na tabela 1 apresenta-se a composição do CPV dos anos de 2009 e 2010.

Tabela 1 - Composição do CPV dos anos de 2009 e 2010

| CPV | 2010 | Part% | 2009 | Part% | Var % 2010/2009 |
|------------------|------------|-------|------------|-------|-----------------|
| Matéria-prima | (8.842,00) | 66,6% | (5.632,90) | 67,3% | 57,0% |
| Embalagens | (549,90) | 4,1% | (388,00) | 4,6% | 41,7% |
| Energia Elétrica | (157,50) | 1,2% | (168,40) | 2,0% | -6,5% |
| Desp. Dir.+ MOD | (2.973,90) | 22,4% | (1.372,30) | 16,4% | 116,7% |
| Desp.Indir.+MOID | (670,60) | 5,1% | (511,90) | 6,1% | 31,0% |
| Ajustes IFRS | (83,10) | 0,6% | (148,00) | 1,8% | -43,8% |

Fonte: Relatório de Demonstrativos Financeiros Marfrig (2010, p. 34).

Conforme a Tabela 1 e mencionado no relatório de demonstrativos financeiros da Companhia, o principal componente do CPV continua sendo a compra de matéria-prima, a qual inclui a compra de animais e insumos para ração (grãos), representando 66,6% em 2010, comparada a 67,3% em 2009. Consequentemente, o Lucro Bruto atingiu R\$ 2.601,4 milhões apresentando uma elevação de 107,4% se comparado aos R\$ 1.254,2 milhões registrados em 2009.

Em 2010, as despesas com vendas, gerais e administrativas foram de R\$ 1.970,2 milhões contra R\$ 931,2 milhões em 2009. Possivelmente este aumento de 213,7% relaciona-se às aquisições citadas anteriormente, feitas em 2010.

Seguindo este patamar, o resultado financeiro antes da apuração dos impostos representa um aumento de 122,6%. Ao contrário do resultado financeiro que variou consideravelmente, de R\$ 1.147,2 milhões negativos contra R\$ 145,1 milhões positivos em 2009. A acentuação desta queda apresenta-se nas despesas financeiras (121,4%), onde houve aumento no saldo dos juros pela elevação do endividamento.

Por fim, chegamos ao lucro líquido do período, marcado por um expressivo decréscimo de 72,7%, quando em 2010 o lucro foi de R\$ 146,1 milhões, em 2009 este montante era de R\$ 534,4 milhões. Segundo informações divulgadas no relatório da administração, o efeito temporário causado pela variação cambial sobre endividamento e o impacto financeiro do investimento em capital de giro, foram os principais fatores que reduziram o lucro líquido em 2010.

4.2 ANÁLISE VERTICAL DO BALANÇO PATRIMONIAL E DRE

Para efetuar a análise vertical e horizontal, recomenda-se que façam as mesmas em conjunto. No Quadro 3 apresenta-se a análise vertical do BP da Marfrig S.A.

Quadro 3 - Análise Vertical do Balanço Patrimonial – Grupo Marfrig S.A.

| BALANÇO PATRIMONIAL (R\$ Mil) | | | | | |
|-------------------------------------|-------------------|-------------------|---------------|---------------|--|
| DESCRIÇÃO CONTA | 31/12/2010 | 31/12/2009 | (%) 2010 | (%) 2009 | |
| 1 Ativo Total | 22.599.586 | 12.254.587 | 100,00 | 100,00 | |
| 1.1 Ativo Circulante | 9.400.239 | 5.822.389 | 41,6 | 47,5 | |
| 1.1.1 Caixa e Equivalentes de Caixa | 682.364 | 617.046 | 3,0 | 5,0 | |
| 1.1.2 Aplicações Financeiras | 3.193.992 | 2.416.392 | 14,1 | 19,7 | |
| 1.1.3 Contas a Receber | 1.361.945 | 797.329 | 6,0 | 6,5 | |
| 1.1.4 Estoques | 2.249.314 | 1.148.298 | 9,9 | 9,4 | |
| 1.1.5 Ativos Biológicos | 693.040 | 205.496 | 3,1 | 1,7 | |
| 1.1.6 Tributos a Recuperar | 868.638 | 526.998 | 3,8 | 4,3 | |



| | | | | | |
|------------|--|-------------------|-------------------|--------------|--------------|
| 1.1.7 | Outros Ativos Circulantes | 350.946 | 110.830 | 1,5 | 0,9 |
| 1.2 | Ativo Não Circulante | 13.199.347 | 6.432.198 | 58,4 | 52,5 |
| 1.2.1 | Ativo Realizável a Longo Prazo | 2.039.469 | 706.021 | 9,0 | 5,8 |
| 1.2.2 | Investimentos | 10.040 | 742 | 0,0 | 0,0 |
| 1.2.3 | Imobilizado | 6.963.142 | 3.791.814 | 30,8 | 30,9 |
| 1.2.4 | Intangível | 4.186.696 | 1.933.621 | 18,5 | 15,8 |
| 2 | Passivo Total | 22.599.586 | 12.254.587 | 100,0 | 100,0 |
| 2.1 | Passivo Circulante | 6.948.560 | 3.183.422 | 30,7 | 26,0 |
| 2.1.1 | Obrigações Sociais e Trabalhistas | 537.080 | 231.531 | 2,4 | 1,9 |
| 2.1.2 | Fornecedores | 2.310.763 | 935.407 | 10,2 | 7,6 |
| 2.1.3 | Obrigações Fiscais | 171.627 | 139.374 | 0,8 | 1,1 |
| 2.1.4 | Empréstimos e Financiamentos | 3.073.579 | 1.492.810 | 13,6 | 12,2 |
| 2.1.5 | Outras Obrigações | 855.511 | 384.300 | 3,8 | 3,1 |
| 2.2 | Passivo Não Circulante | 9.154.613 | 5.285.261 | 40,5 | 43,1 |
| 2.2.1 | Empréstimos e Financiamentos | 6.605.437 | 3.776.928 | 29,2 | 30,8 |
| 2.2.2 | Outras Obrigações | 862.054 | 748.823 | 3,8 | 6,1 |
| 2.2.3 | Tributos Diferidos | 1.463.436 | 720.681 | 6,5 | 5,9 |
| 2.2.4 | Provisões | 223.686 | 38.829 | 1,0 | 0,3 |
| 2.3 | Patrimônio Líquido Consolidado | 6.496.413 | 3.785.904 | 28,7 | 30,9 |
| 2.3.1 | Capital Social Realizado | 3.986.518 | 3.989.875 | 17,6 | 32,5 |
| 2.3.2 | Reservas de Capital | 2.461.102 | (14.148) | 10,9 | (0,1) |
| 2.3.3 | Reservas de Lucros | 44.476 | 31.171 | 0,2 | 0,2 |
| 2.3.4 | Lucros/Prejuízos Acumulados | (899.417) | (1.013.994) | (4,0) | (8,3) |
| 2.3.5 | Ajustes de Avaliação Patrimonial | 419.670 | 504.888 | 1,9 | 4,1 |
| 2.3.6 | Ajustes Acumulados de Conversão | 340.939 | 268.254 | 1,5 | 2,2 |
| 2.3.7 | Partic. dos Acionistas Não Controladores | 143.125 | 13.858 | 0,6 | 0,1 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que em 2010, do total do ativo 41,6% é representado pelo circulante e 58,4% não circulante. As aplicações financeiras a curto prazo representam 14,1% e os estoques quase 10%. Do ativo não circulante os grandes destaques estão nas contas de imobilizado e intangível, respectivamente, 30,8% e 18,5%.

Em 2009, segue praticamente as mesmas proporções, porém, o ativo circulante estava mais equilibrado com o não circulante, sendo 48% circulante contra 52% não circulante. No grupo do passivo, os subgrupos estão bem alinhados de 2009 para 2010, sendo de 26% a 31% circulante, de 41% a 43% não circulante e 29% a 31% patrimônio líquido.

Percebe-se que os investimentos de curto prazo sofreram uma pequena redução em relação ao ativo total, passando de 47,5% em 2009 para 41,6% em 2010. Em contrapartida, as dívidas de curto prazo representadas pelo passivo circulante, apresentaram uma participação maior no decorrer dos dois anos. Em 2009, 26,0% do total das exigibilidades da Companhia era representado pelo passivo circulante, aumentando para 30,7% em 2010.

Da mesma forma, observa-se que em 2009 a proporção financiada por capital próprio era de 30,9%. Em 2010, esse percentual obteve uma pequena redução, caindo para 28,7%, significando que a empresa deve a terceiros 71,2% (100% – 28,7%) de seus ativos. Ou seja, como a Companhia não produziu um aumento no nível de capitalização, conseqüentemente diminuiu a participação do patrimônio líquido.

Partindo para a análise vertical da DRE, demonstrada no Quadro 4, percebe-se uma diminuição do CPV de 2009 para 2010. Em 2009, 87,0% das vendas eram destinadas a cobrir os custos incorridos com as mesmas, já em 2010 esta proporção diminuiu para 83,6%. Conseqüentemente houve um aumento na participação do lucro bruto no total da receita bruta, passando de 13,0% em 2009, para 16,4%.



Quadro 4 - Análise Vertical da DRE – Grupo Marfrig S.A

| DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO (R\$ Mil) | | | | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|--------------|---------|-------------|---------|
| | DESCRIÇÃO CONTA | 2010 | (%)2010 | 2009 | (%)2009 |
| 3.1 | Receita de Venda de Bens | 15.878.469 | 100,0 | 9.623.621 | 100,0 |
| 3.2 | Custo dos Bens Vendidos | (13.277.024) | (83,6) | (8.369.433) | (87,0) |
| 3.3 | Resultado Bruto | 2.601.445 | 16,4 | 1.254.188 | 13,0 |
| 3.4 | Despesas/Receitas Operacionais | (1.719.701) | (10,83) | (858.149) | (8,9) |
| 3.4.1 | Despesas com Vendas | (1.407.500) | (8,9) | (641.540) | (6,7) |
| 3.4.2 | Despesas Gerais e Administrativas | (562.688) | (3,5) | (289.661) | (3,0) |
| 3.4.3 | Outras Receitas Operacionais | 244.485 | 1,5 | 81.033 | 0,8 |
| 3.4.4 | Outras Despesas Operacionais | 6.002 | 0,04 | (7.981) | (0,1) |
| 3.5 | Result Antes do Res. Financ. | 881.744 | 5,5 | 396.039 | 4,1 |
| 3.6 | Resultado Financeiro | (1.147.242) | (7,2) | 145.092 | 1,5 |
| 3.6.1 | Receitas Financeiras | 536.299 | 3,4 | 905.356 | 9,4 |
| 3.6.2 | Despesas Financeiras | (1.683.541) | (10,6) | (760.264) | (7,9) |
| 3.7 | Result. Antes dos Tributos s/ o Lucro | (265.498) | (1,7) | 541.131 | 5,6 |
| 3.8 | Imposto de Renda e CSLL | 411.592 | 2,6 | (6.696) | (0,1) |
| 3.8.1 | Corrente | (23.013) | (0,1) | (2.810) | (0,03) |
| 3.8.2 | Diferido | 434.605 | 2,7 | (3.886) | (0,04) |
| 3.9 | Lucro Líquido Cons. do Período | 146.094 | 0,9 | 534.435 | 5,5 |
| 3.10 | Outros Resultados Abrangentes | (12.533) | (0,1) | (266.097) | (2,8) |
| 3.10.1 | Variação cambial s/ os investimentos | (85.218) | (0,5) | (500.977) | (5,2) |
| 3.10.2 | Variação cambial – conversão balanço | 72.685 | 0,5 | 234.880 | 2,4 |
| 3.11 | Resultado Abrang. Consolidado | 133.561 | 0,8 | 268.338 | 2,8 |

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos dados do Quadro 4, as despesas operacionais também aumentaram, quando em 2009 as mesmas representavam 8,9% do total da receita bruta, em 2010 aumentaram para 10,8%. Segundo divulgação no relatório da administração, as principais marcas do crescimento foram fretes sobre vendas, *marketing*, mão de obra, benefícios e encargos que acompanham o crescimento das vendas. Além disso, nas receitas e despesas operacionais está incluso o deságio na aquisição da Seara em 2010. Sobretudo, o resultado antes do resultado financeiro e dos tributos ainda representa uma fatia maior no decorrer dos períodos, de 4,1% para 5,5% em 2010.

A grande variação, que inclusive remeteu comprometimento no resultado líquido consolidado, está no resultado financeiro. As receitas e despesas financeiras, que em 2009 representavam 1,51% da receita bruta, atingiram 7,2% negativo em 2010 (diminuição das receitas e aumento das despesas), respectivamente, de R\$ 145.092,00 positivos para R\$ 1.147.242,00 negativos.

A diretoria estabelece no relatório da administração que este aumento das despesas financeiras é decorrência do maior volume de operações financeiras, tarifas e taxas geradas pelas transações da empresa, agregada principalmente da Seara e da Keystone Foods em 2010.

A partir disso, pode-se notar que a Companhia teve de assumir uma queda expressiva em seus resultados. O lucro apresentado em 2009, de R\$534.435,00 caiu para R\$146.094,00 em 2010, ou seja, quando em 2009, 5,5% das vendas totais eram convertidas em lucro, em 2010 esta proporção caiu para 0,9%, destacando uma grande preocupação em relação a saúde da empresa.



4.3 ANÁLISES DA LIQUIDEZ E ENDIVIDAMENTO

O quadro 5 apresenta, resumidamente, os indicadores de liquidez e quocientes de endividamento referente demonstrativos da Companhia analisados até o momento.

Quadro 5 - Cálculos dos índices de liquidez e endividamento Grupo Marfrig SA.

| QUOCIENTE | FÓRMULA | 2010 | 2009 |
|---|------------------------------------|------------------|------------------|
| a) CCL | AC-PC | R\$ 2.451.679,00 | R\$ 2.638.967,00 |
| b) Liquidez | | | |
| b.1) Imediata | Dispon/PC | 0,01 | 0,2 |
| b.2) Corrente | AC/PC | 1,3 | 1,8 |
| b.3) Seca | AC-Estoque/PC | 1,0 | 1,5 |
| b.4) Geral | AC+AÑC/PC+PÑC | 1,4 | 1,4 |
| c) Quociente de endividamento | | | |
| c.1) Participação de capitais de terceiros sobre os recursos totais | Exigível Total/Exigível Total + PL | 71% | 69% |
| c.2) Participação de capitais de terceiros sobre capitais próprios | Exigível Total/PL | 248% | 224% |
| c.3) Participação de Dívidas de CP sobre o Endividamento total | PC/Exigível Total | 43% | 38% |

Fonte: Dados da pesquisa.

Partindo do primeiro indicador, percebe-se que em ambos os períodos a empresa apresenta folga financeira. Portanto, subentende-se que o prazo de retorno dos financiamentos efetuados está maior que o prazo dos recebíveis. Apesar de apresentar uma queda de 8% em 2010, os saldos do capital circulante líquido evidenciam equilíbrio financeiro, demonstrando que as aplicações de recursos no ativo devem manter-se com fundos levantados a um prazo de recuperação proporcional à aplicação feita.

Em relação aos indicadores de liquidez, percebe-se que a liquidez imediata demonstra que os recursos imediatos não são suficientes para saldar as dívidas de curto prazo, 0,2 em 2009 e 0,01 em 2010. Neste quesito, torna-se viável citar que o “disponível ocioso perde substância líquida” (IUDÍCIBUS, 2008, p. 100). Portanto, é importante contar com as disponibilidades quando as dívidas vencerem, porém, também é seguro e rentável aplicar estes recursos em poupança. Assim, o ideal é manter um orçamento de caixa bem controlado.

A liquidez corrente apresenta-se positiva, apesar de sofrer uma pequena queda em 2010, de 1,8 para 1,3, ou seja, significa que para cada R\$1,00 a pagar estava prevista uma entrada de R\$ 1,35 no caixa de 2010. Assim, quanto maior a liquidez corrente da empresa, maior sua capacidade em financiar suas necessidades de capital de giro.

Na sequência, a liquidez seca também se apresenta positiva (1,47 em 2009 e 1,03 em 2020) apesar de ficar quase nula em 2010. Como se elimina os estoques deste indicador, o mesmo torna-se mais adequado, pois se diminui as incertezas (se será vendido ou não). Além disso, podem existir elementos obsoletos, de baixa rotação e próximo da data de vencimento, por tratar-se de uma empresa de alimentos. Assim, este indicador define a capacidade de pagamento a curto prazo da Companhia, sem considerar as existências de produtos, preocupando-se mais com os circulantes de maior rotatividade.

Por fim a liquidez geral, foi o indicador que apresentou melhor resultado. Em 2009 a Marfrig S.A. apresentava para cada R\$ 1,00 de débito total, R\$1,45 em seu ativo. Já em 2010 essa posição financeira deteriorou-se, passando a contar somente com R\$ 1,40. Porém, estes



valores ainda remetem segurança financeira a longo prazo para a empresa, revelando sua capacidade de saldar todos os seus compromissos.

Partindo para os quocientes de endividamento, percebe-se que é expressiva a participação do capital de terceiros sobre os recursos totais da empresa. Representado no item c.1 do quadro 5, mostra que 69% dos recursos investidos foram supridos por terceiros em 2009. Esse índice teve um leve aumento para 71% no ano seguinte, não sendo considerada uma alteração significativa no grau de endividamento da empresa.

Quanto a participação de capitais de terceiros sobre os capitais próprios, item c.2 do Quadro 5, também apresentou um aumento de um período para outro, 224% em 2009 e 248% em 2010, ou seja, significa que o valor do capital de terceiros era 2,48 vezes maior do que o capital próprio em 2010. Este índice requer atenção, uma vez que quando o mesmo apresenta-se maior que 100 subentende-se uma dependência exagerada de recursos de terceiros.

O item c.3, representado pela composição do curto prazo sobre o endividamento total, teve uma pequena elevação, passando de 38% em 2009 para 43% em 2010. Dessa forma, está sinalizando que 57% do endividamento da empresa em 2010 consta nas dívidas a longo prazo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das demonstrações contábeis constitui importante ferramenta para a tomada de decisões pelos diversos usuários da contabilidade. Diante do exposto, o estudo teve como objetivo geral realizar uma análise econômico-financeira do Balanço Patrimonial (BP) e Demonstração de Resultado do Exercício (DRE) do Grupo Marfrig, além de comparar os índices de liquidez e endividamento dos períodos de 2009 e 2010.

Para atingir os objetivos apresentados, a pesquisa se caracteriza quanto ao tratamento dos dados como uma pesquisa quantitativa, quanto aos procedimentos é uma pesquisa documental e quanto aos objetivos, classifica-se como descritiva e exploratória. A amostra que compõe este estudo é o Grupo Marfrig S.A., empresa do ramo alimentício e proteína animal.

Em relação ao primeiro objetivo específico, que foi evidenciar a análise de balanços e realizar uma análise vertical e horizontal do BP e DRE dos períodos de 2009 e 2010, os resultados apontam que em 2010 a empresa recebeu grandes recursos financeiros, aumentando em 84% os seus ativos. Consequentemente, na mesma proporção aumentaram as obrigações sociais e trabalhistas, as exigibilidades e o patrimônio líquido. As receitas com vendas também apresentaram um aumento significativo em 2010, aumentando em 65%, elevando o resultado bruto em 107%. Porém, o resultado líquido teve uma redução de 72% nos lucros. A análise apontou que o grande fator que interferiu no resultado do exercício foi o resultado financeiro, pois diminuíram as receitas financeiras e aumentaram consideravelmente as despesas financeiras. Todas estas variações foram oriundas de fatores relevantes que ocorreram em 2010, dentre os quais se destacam: aquisição de novas empresas (Seara e Keystone) e devido a um grande investimento em *marketing* da marca Seara, principalmente pelo patrocínio na Copa do Mundo. Estas informações estão evidenciadas nos quadros dos demonstrativos do trabalho e foram obtidas através do relatório da administração, divulgado pela companhia na Bolsa de Valores de São Paulo.

Quanto ao segundo objetivo específico que foi calcular e analisar os indicadores de liquidez imediata, corrente seca e geral, os resultados mostram que nos anos de 2009 e 2010 os recursos imediatos não foram suficientes para saldar as dívidas de curto prazo. Já para a liquidez corrente e seca os índices apresentaram-se positivos, apesar de terem uma pequena redução em 2010, demonstrando que a empresa está apta a pagar suas dívidas de curto prazo. Desse modo, a liquidez geral evidenciou o melhor resultado em 2010, sendo que, para cada



R\$1,00 de dívida total, a Companhia contava com R\$1,40 em seu ativo, remetendo segurança e revelando sua capacidade de saldar todos seus compromissos.

O terceiro objetivo específico foi calcular e analisar os quocientes de endividamento da Companhia. Os resultados demonstram que é expressiva a participação do capital de terceiros sobre os recursos totais da empresa, passando de 69% em 2009, para 71% em 2010. A participação de capitais de terceiros sobre os capitais próprios, apresentou-se elevada. A análise deste indicador apontou que, em 2010 o valor do capital de terceiros foi 2,48 vezes maior do que o capital próprio, demonstrando uma dependência exagerada de recursos de terceiros. Quanto a participação das dívidas de curto prazo sobre o endividamento total, o índice apresentou um aumento de 38% em 2009, para 43% em 2010, sinalizando que 57% das dívidas da empresa estão a longo prazo.

Em relação ao objetivo geral, os resultados evidenciam que a Companhia apresentou uma folga financeira nos períodos de 2009 e 2010, evidenciando que o prazo de retorno dos financiamentos efetuados é maior que o prazo dos recebíveis. Porém, se tratando das disponibilidades de caixa, o saldo apresentou-se insuficiente para pagar as dívidas de curto prazo, diferentemente dos demais indicadores de liquidez que apresentaram-se positivos. Além disso, outro fator que requer atenção está nos quocientes de endividamento, pois o capital de terceiros predomina sobre o capital próprio e os recursos totais da empresa. No enfoque econômico, mesmo evidenciando um resultado positivo é preciso tomar certos cuidados, pois a análise revelou que 5,5% do total das receitas em 2009 eram convertidas em lucro, já em 2010 esta proporção caiu para 0,9%. Em vista disso, é possível melhorar estes resultados em relação às despesas e receitas com juros, uma vez que em 2010 o lucro bruto e o lucro operacional demonstraram variações positivas, acentuando a queda apenas após os resultados financeiros.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**: Um enfoque econômico-financeiro. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**: Um enfoque econômico-financeiro. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BATISTA, Sabrina Jovina. **Análise econômico-financeira e comparativa dos balanços patrimoniais das companhias Sadia S.A e Perdigão S.A antes e depois da incorporação no ano de 2009**. 2010. 105 f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2010.

BM&FBOVESPA, Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros. **Empresas listadas**. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/cias-listadas/empresas-listadas/BuscaEmpresaListada.aspx?Letra=M&idioma=pt-br>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

SILVA FILHO, Gilberto M. **As principais mudanças da lei 11638/07**.

Disponível em: <<http://ifronline.wordpress.com/2009/03/02/as-principais-mudancas-da-lei-1163807-por-gilberto-magalhaes-silva-filho/>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balanços**: Análise de liquidez e do endividamento, a análise do giro, análise da rentabilidade, a análise da alavancagem financeira, indicadores e análises especiais. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



MARFRIG, **Demonstrações Financeiras Padronizadas de 31 de Dezembro de 2010.**

Disponível em: <http://ri.marfrig.com.br/port/downloads/demonstracoes/DFP_2010_-_V2.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços:** Abordagem básica e gerencial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RAMPAZZO, Sonia Elisete; CORRÊA, Fernanda Zanin Mota. **Desmistificando a metodologia científica:** Guia Prático para a Produção de Trabalhos Acadêmicos. Erechim: Habilis, 2008.

SILVA, Lanna G. da Luz. **Análise dos demonstrativos financeiros:** Capacidade de pagamento. Universidade Federal do Pará, Centro Sócio Econômico – Departamento de Ciências Contábeis. 2003. Disponível em:
<http://www.peritocontador.com.br/artigos/colaboradores/Capacidade_de_Pagamento.pdf>.
Acesso em: 11 jan.2014.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 4. ed Atlas: São Paulo, 2003.